

A Literatura Infanto-juvenil na Contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula¹

Denise Fonseca dos Santos Curia²

RESUMO: Este artigo nasceu de inquietações de uma jovem professora de Língua Portuguesa quanto à verdade em suas práticas em sala de aula. Os alunos das séries finais do Ensino Fundamental não possuem em sua grade curricular um momento dedicado somente à Literatura, esta precisa ser trabalhada na aula de Língua. Minha intenção não é dar uma receita de como trabalhar o literário com os adolescentes, muito menos discutir o que é ou não literatura para este público, mas sim pararmos e refletirmos sobre o histórico de importância que se dá ao gênero neste momento de vida e de formação dos jovens. Sabendo que a leitura é ingrediente imprescindível na formação de um sujeito crítico, é chegada a hora de mudanças nas práticas literárias escolares. As crianças, muitas vezes, não trazem esta cultura de suas casas, então a tarefa de formação do leitor é compromisso da escola, do professor. Mas o professor, não pode ser qualquer professor. Ele precisa ser um leitor apaixonado.

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil. Leitor. Práticas literárias. Formação do leitor.

ABSTRACT: This article grew out of concerns of a young teacher of Portuguese as the truth in their practices in the classroom. Students in upper grades of elementary school does not have in their curriculum when a dedicated solely to the literature, this needs to be worked in class Language. My intention is not to give a recipe of how the literary work with adolescents, much less discuss what is or is not literature for this audience, but pause and reflect on the historical importance given to gender in this time of life and training of young people. Knowing that reading is essential ingredient in the formation of a critical subject, it is time for changes in school literary practices. Children often do not bring this culture of their homes, then the task of training the player's commitment to school, the teacher. But the teacher can not be any teacher. It needs to be a passionate reader.

Keywords: Children Juvenile Literature. Reader. Literary practices. Formation of the reader.

¹Artigo orientado pelo professor Luiz Roberto Lima Barbosa, apresentado para conclusão do Curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (Instituto Federal Sul-rio-grandense - *Campus* Charqueadas).

²Especialista em Educação e Contemporaneidade (IFSUL – *Campus* Charqueadas).

INTRODUÇÃO

Como professora de Língua Portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental, tenho muitas inquietações quanto à forma de trabalhar a Literatura com meus alunos. Os textos clássicos, propostos pelos programas curriculares, não têm sucesso algum com os adolescentes.

É muito comum ouvir que estes jovens não leem, afirmação esta que julgo não ser verdadeira. Há uma imposição cultural de prática da leitura, ou melhor, de determinados textos tidos como clássicos. Não há dúvidas quanto à importância da Literatura Clássica, da leitura de renomados escritores, mas o que se vê acontecer na atualidade é o “boom” da literatura estrangeira: trilógias mitológicas, vampiros e bruxos. No Brasil, também há jovens escritores que estão fazendo sucesso narrando o fantástico para o público jovem, como Luis Eduardo Matta e Thalita Rebouças, que escreve sobre a dor e a alegria de ser adolescente. E os jovens querem histórias de amor, de mistério, de imortalidade, contadas na sua linguagem, sem imposições: em suma, eles querem ler as suas emoções, as suas vidas nos livros.

Por que os adolescentes de 11 a 15 anos estão preferindo esta literatura de vampiros, monstros, mitologia, magia e histórias do dia a dia às obras da Literatura Universal? Há uma forte identificação dos jovens com estes textos atuais: os conflitos de personalidade, o amor que vence todas as convenções, a vida eterna sem limites, os fortes laços de amizade, a disputa entre o bem e o mal e tantas outras mazelas e alegrias que estão na ficção, mas também na realidade de cada um. Não se pode afirmar que a juventude não lê. Estes jovens são leitores em formação, e nós, professores, precisamos ter um olhar especial para o gosto dos alunos.

Faz-se necessário, mais do que nunca, que os professores de Língua Portuguesa acolham seus alunos e suas leituras. Muitas vezes não há tempo para ler tudo o que está sendo produzido e direcionado para o público jovem, mas é preciso conhecer e aceitar esta nova modalidade literária. É preciso que saibamos o porquê do encantamento com os estes textos.

Minha intenção é discutir de que forma a Literatura Infanto-juvenil de entretenimento¹ é importante na formação de um sujeito leitor, bem como a forma que o professor deve proceder as práticas literárias de maneira que as leituras dos alunos, os e-textos que não são cânones, façam parte da rotina de sala de aula. Também que o professor sensibilize suas turmas, no que diz respeito aos textos que circulam atualmente, para o que, de fato, contribui para o conhecimento e o que é mera informação. E, principalmente, que o professor reflita se sua forma de lidar com a literatura agrega conhecimento ou se apenas informa fatos literários aos alunos.

No primeiro capítulo deste artigo será discutido o leitor. Quem é este indivíduo e o que ele lê hoje, como está sendo inserido no mundo da ficção e da fantasia. No capítulo que segue é feito um pequeno histórico e análise dos programas de incentivo à leitura no Brasil, seu sucesso e derrocada, bem como “um passeio” pelas produções atuais direcionadas ao público juvenil. E por fim, uma breve reflexão sobre o ensino de Literatura no Ensino Fundamental e sobre a prática dos professores com o texto literário na aula de Língua Portuguesa.

Pretendo mostrar que é possível trabalhar estes textos em classe e que é necessário o conhecimento e a aceitação destas obras que estão marcando

uma geração de alunos. Penso ser de extrema importância que um professor de língua, que tenha como um dos objetivos maiores de sua função a formação de alunos leitores, compreenda a Literatura Infantojuvenil de Entretenimento como uma ferramenta de trabalho facilitadora na difícil tarefa de criar uma cultura da leitura e, também, como a porta de entrada aos Clássicos.

Este artigo tem a Literatura como tema, mas não discutirá uma obra em específico. Também versará sobre práticas docentes com o texto literário em sala de aula, mas não é uma receita. É apenas a minha visão e reflexão, a minha prática.

1. O LEITOR

Mas o que é exatamente um leitor? De um certo ponto de vista, é possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes “literaturas” _ científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras _ existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (AZEVEDO, 2004, p. 114)

Os momentos de leitura para a preparação deste artigo foram acompanhados de muito pensamento. Enquanto tentava teorizar, formalizar o meu conceito de leitor, ia resgatando a *Denise leitora*. Li alguns livros, textos e artigos buscando uma definição para leitor que estivesse em consonância com minha prática como leitora, bem como o leitor que quero formar. Encontrei a magnífica definição do escritor e ilustrador Ricardo Azevedo. Na minha opinião, ela é global pelo fato de trazer em si diferentes tipos de texto, diferenciação de obra literária e artística de um texto científico, utilização de textos em benefício próprio, ampliação da visão de mundo e entretenimento, puro e simples deleite.

Quando Azevedo menciona a utilização de textos em benefício próprio para uma ampliação de visão de mundo, percebe-se a importância do *ser leitor* para o exercício da cidadania. O objetivo maior da Literatura, da formação de sujeitos leitores em casa e na escola, além de “manter em exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo” (ECO, 2003, p. 10), é possibilitar ao homem comum o poder da palavra e da criticidade, é tornar um indivíduo cidadão, capaz de atuar positivamente na sociedade.

Ruth Rocha, consagrada escritora de livros infantis e infantojuvenis, diz acertadamente que existem três categorias de crianças/adolescentes: os que se tornarão leitores naturalmente, sem que seja necessário nenhum esforço para levá-los a isso; os que não se tornarão leitores de jeito nenhum, por mais atraente que a leitura se apresente a eles; e aqueles que se tornarão leitores se forem adequadamente estimulados. Estes constituem, a juízo de Ruth Rocha, o contingente majoritário².

E então, como se forma um sujeito leitor? Um cidadão?

Sabe-se que hoje há uma grande oferta de produtos e serviços para a criança e o adolescente: *internet*, *videogame*, mídias variadas. Todas estas ferramentas concorrem com o livro. A criança, independente de sua classe social, já não é mais aquela dos contos de fadas. Não é mais aquela que senta numa sombra para ouvir histórias. As famílias, de uma forma geral, mudaram muito. A mãe não fica mais em casa, não há muito tempo para a contação de histórias. Nossa sociedade é composta por uma maioria de pessoas em alto nível de pobreza, ainda que haja estatísticas revelando o aumento do índice de desenvolvimento humano (IDH) brasileiro, conclui-se que as pessoas melhoraram seu padrão material de vida, mas continuam marginalizadas, para não dizer pobres, no que diz respeito à cultura. É preciso discutir a literatura infanto-juvenil e também a formação do leitor levando em consideração o imenso desequilíbrio social que marca nosso país.

Minha intenção, quando trago para este texto o pensamento de Ruth Rocha e também quando digo que as famílias estão menos pobres, mas seguem aculturadas (no sentido de ignorantes à língua e à arte, por exemplo), é discutir o fato de que ser leitor ou não, depende muito do histórico familiar da criança. E, para a escola, é um desafio a formação de jovens leitores, pois

A maioria de nossas crianças é filha de pais analfabetos ou semianalfabetos, ou seja, voltando para casa elas não têm com quem discutir suas lições. E nem mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes um único cômodo, não costumam possibilitar o isolamento mínimo que a leitura requer. Por outro lado, boa parte de nossas crianças, refiro-me àquelas que têm chance de ir à escola, não têm dinheiro para comprar livros e só têm acesso a livros e textos didáticos e informativos fornecidos gratuitamente pelas escolas públicas. (AZEVEDO, 2000)

Na visão de Ricardo Azevedo, e compartilho de sua opinião, os textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, mas não formam leitores. É preciso que concomitantemente haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva, para que isso aconteça.

O Ministério da Educação, alguns anos atrás, implantou programas de incentivo à leitura. Estas iniciativas, de abrangência nacional, vigoraram por pouco tempo e contribuíram, de certa forma, para a popularização da leitura de ficção e poética nas escolas. Os programas possibilitaram que muitas crianças e jovens carentes tivessem acesso ao livro, mas não tiveram sucesso e não perduraram porque, por falta de preparo dos professores e mais ainda, por negligência da gestão destas ações, “acabaram transformando o que deveria ser uma prática literária intuitiva, pessoal, prazerosa, livre, emocional, um contato espontâneo com o discurso poético e com a ficção em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária” (AZEVEDO, 2000). Sabemos que a grande vilã na tarefa de formar leitores ainda é a péssima abordagem que se faz na escola do texto literário.

Buscando a *Denise leitora*, dentro da descrição dos tipos de crianças/adolescentes de Ruth Rocha, enquadro-me dentro da terceira definição. Lembro-me das histórias que gostava de ouvir, lembro-me de meu pai sempre estudando e lendo jornais e me lembro da coleção de livros *Naturama*, que está até hoje atirada na velha estante, e que, quando pequenas eu e minhas irmãs adorávamos folhear. Mas na escola é diferente. A leitura torna-se difícil e temida.

A leitura, como muitas coisas boas da vida, é difícil. Ela exige esforço. O chamado “prazer da leitura”, que tanto buscamos e pregamos, é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação. Crescemos com idealizações infelizes a respeito da literatura e da leitura que não contribuem para a nossa formação como leitores.

Pierre Bayard, professor de Literatura Francesa na Universidade de Paris, em sua obra *Como falar dos livros que não lemos?* debate a histórica obrigatoriedade da leitura e a marginalização dos sujeitos que não realizam determinadas leituras ou que não leram obras de importância universal, discute sobre as imposições interiorizadas, que na maioria das vezes, não incentivam a prática da leitura, ao contrário, afastam as pessoas dos livros.

A primeira dessas imposições poderia ser chamada de obrigação de ler. Vivemos ainda em uma sociedade, em vias de destruição, é verdade, na qual a leitura continua sendo objeto de sacralização. A sacralização enfoca de maneira privilegiada um certo número de textos canônicos – a lista varia segundo os meios – que é praticamente proibido não ter lido, se não se quiser ser desconsiderado. A segunda imposição, próxima da primeira, embora diferente, poderia ser chamada de obrigação de ler tudo. (BAYARD, 2007, p. 14)

Na escola, enquanto na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, às crianças é apresentado o literário de forma lúdica, através da oralidade, a “tia” que conta histórias na biblioteca. Após a alfabetização começa-se com a leitura de pequenas obras, posteriormente se trabalha o autor e a temática do texto, ainda se dá voz à criança. Já na quinta, sexta e sétima séries, mesmo que em alguns momentos o professor realize atividades discernidas de leitura, na qual se propõe uma construção de significados, o que predomina é a perseguição. A leitura precisa ser avaliada e, para tanto, realiza-se provas sobre as obras. Começa a tortura. Então, quando se chega à oitava série, muda completamente o repertório de leituras. Aqueles textos fáceis de ler, mesmo que para a realização de uma prova, são substituídos por outros de difícil linguagem. Muitas vezes, aqueles professores que recomendam determinada leitura, que falam em livros e autores “clássicos”, na verdade, não são leitores e nem se interessam pela literatura, pois se o fossem, adotariam outras estratégias de desenvolvimento do gosto pela leitura em seus alunos. Esta é a minha experiência escolar de leitura.

A citação de Pierre Bayard faz-nos refletir sobre o grande abismo que há no processo de formação do leitor e construção da leitura por prazer. É verdadeiro que existem narrativas que são obras de arte, onde há um profundo trabalho de beleza da linguagem, mas não se pode desconsiderar uma obra que traga uma linguagem menos erudita narrando uma bela história. O problema está na imposição inexorável de uma lista de clássicos. Como que alguém que está acostumado somente com a leitura de obras infanto-juvenis, coleção *Vagalume*, e de repente tem que ler *Dom Casmurro* para responder a uma prova não fica traumatizado? Impossível. Por que se tem que ler *Dom Casmurro* e fazer uma prova? Ou porque apresentar *Dom Casmurro* do jeito que é apresentado e não de outro, que promova a singularidade na relação que o aluno estabelecerá com a obra? Por que o professor não lê para seus alunos *Conto de Escola* de Machado de Assis? Ler para os alunos, resgatar a oralidade.

Se hoje a criança, e muito menos o jovem, não vive esta experiência em casa, é tarefa da escola. Tarefa linda e prazerosa. Não importa a idade.

Ricardo Azevedo, em seu artigo já comentado, reflete as condições materiais que possibilitam ou não a formação de uma criança leitora. É certo que o livro no Brasil é caro e que o texto didático que a escola apresenta para o aluno não é suficiente para transformá-lo num devorador de obras poéticas. E é claro que a realidade é bem diferente da classificação de leitores que faz Ruth Rocha, a criança que tem fome talvez nem consiga aprender a ler, não tenha forças, tampouco condições. Logo a importância de uma mudança de paradigmas do professor, não só na sua prática, como também na sua trajetória como leitor. Trabalho em uma escola privada frequentada por alunos de classe média. Como se trata de uma escola pequena, conhecemos bem os alunos e suas famílias. Há uma elite literária, alunos que leem muito. Leem *Harry Potter*, *Crepúsculo*, Marian Keyes, Percy Jackson, Thalita Rebouças, jornais, revistas e etc. Acredito que haja uma correlação entre ser leitor e liderança que se reflete diretamente na posição que os alunos leitores ocupam nos grupos, eles se destacam, são articulados e críticos. Há também aqueles que não podem nem ouvir falar em livros e leitura, que não conseguem ler, não conseguem nem decodificar um texto. Então tu te recordas da família e começa entender, um pouco, aquela repulsa literária. Não que este fato seja unânime e determinante, sabe-se que há muitos outros fatores influenciando este estudante a não gostar de ler, e o educador, verdadeiramente comprometido, deve tentar reverter esta situação.

2. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Inegavelmente, como já mencionado, estamos vivendo o mundo das crianças e adolescentes no mercado editorial. Há uma enorme demanda de produtos e serviços voltados para este público. Percebemos, também, este forte apelo na Literatura.

A literatura infanto-juvenil inicia nas primeiras histórias de leitura, por volta do século XVII, quando a criança começa a ser reconhecida como tal e não mais como um adulto em miniatura, a sociedade volta-se para elas valorizando-as e considerando suas necessidades próprias e particularidades. Na verdade, as instituições, principalmente a família, neste período, vivem um momento de reconstrução. A criança, que antes vivia imersa na vida dos adultos, agora deveria receber uma educação adequada, conivente com sua faixa etária. Tanto a família quanto a escola, com a ascensão dos ideais burgueses, passam a isolar a criança. Criou-se um mundo, que antes não havia, somente para os pequenos (ARIÈS, 1981, p. 25). Neste contexto surge a necessidade de uma Literatura de e para a criança. Primeiramente, e até pouco tempo, ligada, exclusivamente, à escola como instrumento de transmissão de normas e valores.

Aqui no Brasil, não poderia ser diferente. No final do século XIX a escola impulsiona as produções literárias infantis, garantindo a circulação destas obras e divulgando os projetos educacionais do governo e ideologias dominantes.

Portanto o livro infantil e juvenil é uma mercadoria que mantém, e muito,

o mercado aquecido. Devido a escolarização do texto literário, ou melhor, a união entre literatura infanto-juvenil e escola, muitos críticos não consideram o gênero uma manifestação artística, pois o único compromisso deste tipo de texto é inculcar ideologias.

Hoje, porém, não se pode dizer isto sobre as obras que estão sendo comercializadas e consumidas por crianças, adolescentes e jovens adultos. Há muitos especialistas que estão dedicando-se ao estudo dos textos literários voltados para o público infantil e jovem dentro das universidades. A existência de uma literatura infanto-juvenil (que na maioria das vezes é produzida pela própria juventude, uma vez que os autores ainda que mais adultos, recuperam-se jovens) não é mais negada, mas questionada no que se refere à interferência de orientações pedagógicas na produção editorial e também na “relativa autonomia do escritor que, de acordo com as necessidades do mercado, acabaria escrevendo, muitas vezes, livros por encomenda” (FERNANDES, 2007, p. 3-4). A qualidade das obras que não se voltam somente à intenção pedagógica e didática é reconhecida, bem como a sua importância na formação de leitores e o seu estatuto literário.

Como aqui no Brasil a literatura infanto-juvenil sempre esteve muito ligada à escola e à atual discussão dentro da educação, mediante os resultados dos estudantes brasileiros em exames nacionais e internacionais, é o analfabetismo funcional, ou seja, indivíduos que leem, mas não apreendem o sentido do texto, é de suma relevância mencionar as políticas públicas de popularização da leitura no país. O que vem sendo feito na escola para a formação de leitores? O que está dando certo? Por que certas iniciativas não foram felizes?

A leitura concebida e praticada como instrumento de transformação pessoal e social é um acontecimento recente. Na sociedade brasileira atual, ela se constitui como uma necessidade para todas as pessoas e um dos requisitos essenciais da cidadania. Por isso o acesso à escolaridade e à leitura está na pauta de todos os planos governamentais: “Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando a importância da leitura à escola e revelando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população” (FERNANDES, 2007 p. 10). Mesmo o governo assegurando, constitucionalmente, os direitos educacionais, questiona-se se as destrezas ler e escrever, imprescindíveis para o exercício da cidadania, estão realmente se efetivando na sociedade brasileira. A partir de uma série de pesquisas, concluiu-se que a falta de habilidade e hábitos de leitura e escrita da população está intimamente associada às diversas formas de desigualdade e exclusão social. É preciso ter, também, condições materiais para ser leitor. Aqui no Brasil é comprovado que apenas uma minoria da população tem acesso a livros. Os maiores índices de leitura e compra destes encontram-se nos estratos de maior poder aquisitivo, o mesmo que acontece com a distribuição de renda do país. Quanto maior a escolaridade e o poder econômico, maior o índice dos que apreciam a leitura de livros.

A partir da década de 80, em decorrência da prioridade e da urgência do trabalho de formação de leitores, a literatura infanto-juvenil acaba sendo privilegiada pelas políticas públicas do governo. Dois importantes programas são criados: Programa Nacional Salas de Leitura – PNSL – (1984-1996), para a distribuição de livros de literatura infantil às escolas; e Programa Nacional

Biblioteca da Escola – PNBE – (1997- 2002), para a distribuição de obras literárias de referência e outros materiais de apoio às escolas públicas do ensino fundamental. Foi criada uma Comissão Especial, formada por intelectuais, para decidir que obras fariam parte deste acervo.

O PNSL foi ineficaz para a formação de leitores porque investiu na mera distribuição de livro, com poucos critérios sobre a qualidade e sem definição de objetivos a serem atingidos com essa ação. O próprio governo não acompanhou, tampouco avaliou o desenvolvimento do projeto nas escolas. Por outro lado, alguns estudiosos do programa defendem que houve inovação na escolha das obras que circulariam entre crianças e adolescentes, barreiras foram transpostas e ideais conservadores foram deixados de lado:

Se o processo de redemocratização exigiu essa reformulação nas relações entre indústria e público, a presença forte do governo como principal cliente não alterava em muito o relacionamento unilateral vigente na década anterior. Os órgãos continuaram a ditar regras, afeiçoando os acervos a serem postos à disposição do público infantil. Todavia nesses órgãos a antiga tecnoburocracia encontrou resistência de funcionários de mentes abertas e, em especial no programa Salas de Leitura, a seleção de títulos foi da melhor qualidade, por meio de um sistema de consultores da sociedade civil, especialistas em literatura infantil, o que igualmente incentivou a permanência no mercado de autores de boa qualidade e de ideologias progressistas. (BORDINI, 1998, p. 39).

Também pode-se pensar como falha desse programa a falta de formação continuada para o professor que trabalharia, de fato, com o acervo. Tanto o é, que dentro do PNBE foi criada a “Biblioteca do Professor”, com acervo destinado aos professores do ensino fundamental. Nota-se que houve uma preocupação em munir o professor para tais programas, mas nada de tão significativa quanto seria um bom curso de capacitação. Somente no ano 2000, quase no fim do PNBE, é que o governo resolveu parar com a distribuição maciça de obras de literatura e centralizou sua ação na formação continuada dos professores.

O que se pode concluir deste conflito de opiniões é que a Literatura Infanto-juvenil, enquanto gênero, estava sendo pensada e discutida.

Já o PNBE, segundo Célia Regina Delácio Fernandes não teve êxito por conta de questões relacionadas à gestão do mesmo. Foi mantida a mesma Comissão Especial do programa anterior. O acervo escolhido para o ensino fundamental era composto, em sua maioria, por obras acadêmicas que exigiam um elevado grau de entendimento:

Embora o público-alvo fosse os alunos matriculados em escolas de 1^a a 8^a série do ensino fundamental, constam do acervo em questão apenas obras de dois autores canônicos da literatura infantojuvenil: um livro de poesias de Vinícius de Moraes e a coleção infantojuvenil de Monteiro Lobato. (FERNANDES, 2007, p. 64).

Cada acervo distribuído contava com 123 títulos, totalizando 215 volumes. Participaram do programa somente 26 editoras e também só autores brasileiros. Chamou a atenção de estudiosos, na época, a inclusão de obras de pessoas ligadas ou pertencentes à comissão. Em 2001 este programa é reformulado, uma nova Comissão Especial é convocada para repensar a ação proposta.

Os livros passam a ser distribuídos diretamente aos alunos de 1ª a 4ª série, ou seja, é restringido o número de contemplados. Criou-se o Programa Literatura em minha casa, pois as coleções distribuídas pertenceriam aos alunos e não mais à biblioteca da escola. Sabe-se que em boa parte das escolas os livros, por razões que precisam ser esclarecidas por meio de pesquisas, não foram entregues aos alunos. As editoras continuaram sempre as mesmas à frente do projeto e, muitas vezes, as obras também. No que diz respeito ao acervo, há pouca inovação, mas quanto ao Programa em si, durante os anos de vigência, buscou aprimoramento em projetos gráficos e maior clareza na redação.

Mas o que contribuiu definitivamente para o fim destes programas foi a falta de participação da comunidade escolar na escolha dos acervos e a falta de capacitação dos professores. Talvez, se o governo tivesse investido menos na compra de livros, que nem sequer foram tocados ou abertos, tivesse sobrado verba para a formação daquele que seria o principal mediador entre o livro e o leitor na escola. Mesmo assim, sem dúvidas, é reconhecida a importância destes programas porque possibilitaram o acesso da criança e do jovem carente ao livro. Por que a participação da comunidade escolar - alunos e suas famílias, professores e equipe técnica - é importante na escolha de um acervo?

Bem, enquanto estão acontecendo estes programas de incentivo à leitura nas escolas públicas do país, eis que surge, em 1997, um fenômeno, uma personagem que transcendeu o livro... eis que surge Harry Potter. No Brasil, o primeiro título da série - *Harry Potter e a Pedra Filosofal* - assim que lançado, já se transforma em *best-seller*.

O que acontece no Brasil, desde que se começou a pensar a leitura como fator primordial na formação de cidadãos críticos, ou seja, desde o momento em que se escolarizou a leitura até os dias de hoje, é o péssimo ensino de Literatura e Produção Textual nas escolas. Além dos problemas relacionados ao tipo de acervo disponibilizado nas instituições de ensino, o pior é a forma como o texto literário é apresentado ao “futuro leitor”.

Digo isto por experiência própria, depois das *histórias da Carochinha* de uma velha tia, passando pelos *causos* de terror que tomavam forma na fazenda de minha avó, tenho boas lembranças do *Menino Maluquinho* na 4ª série, e aventuras da série *Vagalume* na 5ª e 6ª séries. Até aí tudo mais ou menos bem, as leituras eram boas, o problema eram as provas. Depois, nas séries seguintes, só piorou. Ruth Rocha disse (como já mencionado anteriormente) que há três tipos de leitores: aqueles que lerão tudo, que não terão problemas com qualquer tipo de texto, que a leitura é um prazer; aqueles que nunca lerão nada, nem revistas, nem jornais, para os quais apenas a televisão basta; e aqueles que podem sim se tornar grandes apreciadores do ato de ler, mas que precisarão de uma bela iniciação. E há esta bela iniciação hoje? Seja ela em casa ou na escola? Não há.

Outro absurdo que se observa é o julgamento que intelectuais fazem de obras de sucesso, afirmando que nada presta. Paulo Coelho, *Harry Potter*, *Crepúsculo*, todas obras chamadas de Literatura Menor. A julgar pela linguagem? Não sei. Só sei que são estas as obras que os adolescentes estão lendo. Paulo Coelho agora nem se ouve falar tanto, mas as sagas de bruxos, vampiros e seres mitológicos conquistaram o mundo. Recordo bem de uma amiga que vivia depreciando a obra de Paulo Coelho, penso até que nem havia lido nada deste autor, mas como nas faculdades de Letras, obrigatoriamente temos que odiar Paulo Coelho,

ela o odiava. Muito bem, esta menina viajou para a Turquia, e num de seus passeios foi visitar uma livraria. Lá chegando encontra um mago autografando e milhares de pessoas a sua volta. Era Paulo Coelho transbordando simpatia e energia positiva lá na Turquia. Então que esta mesma menina sentiu um orgulho enorme do autor brasileiro, seu conterrâneo, tirou fotos com ele e ainda comprou uma obra editada em inglês. Leu Paulo Coelho e me confessou que adorou. O motivo desta crítica tão ferrenha nem é o fato da obra ser bem escrita ou não, mas sim a disputa de egos que há entre a elite intelectual da teoria da literatura e o mercado editorial, mas este é outro ponto de discussão.

De repente, o foco e o gosto e a oferta literária para jovens muda, coincidindo com práticas agressivas de trabalho com o texto literário nas escolas. Logo, há uma maçante opinião pública, quase que um lamento, de que o jovem brasileiro não lê. O povo inteiro está fadado a ignorância porque não lê. Mas o povo lê. O povo não lê a literatura clássica, de estilo, de proposta, mas o povo lê Harry Potter, lê os vampiros, lê Percy Jackson e muitos outros textos. A Literatura brasileira clássica é belíssima, mas extremamente difícil. Nossos grandes escritores, os cânones brasileiros, usam a linguagem do século XIX e início do século XX. Um aluno de 13 ou 14 anos que for ler uma obra dessas, mais consultará o dicionário do que apreenderá os sentidos e ideias ali contidos.

Certamente, no momento de lançamento desta nova literatura no Brasil, apenas uma elite tinha acesso, mas estas obras se popularizaram com tanta rapidez que qualquer pessoa conhece a batalha entre o bem e o mal travada em Harry Potter, ou a história de amor protagonizada por Bella e Edward. Dentro das escolas, sejam elas públicas ou privadas, sempre há aqueles alunos marginalizados. Os não leitores, aqueles que não gostam de ler, estão em todas as camadas da sociedade. Por vários motivos existem jovens e adultos sem acesso ao livro: falta de recursos financeiros, falta de habilidades na língua, problemas de aprendizagem que remontam o primeiro contato com as letras, famílias que não tem o hábito da leitura e práticas escolares que, nas palavras dos próprios adolescentes são “um saco”.

Por isso hoje é importante a participação de toda a comunidade escolar na escolha do literário que será apresentado ao alunado.

Ítalo Calvino em sua obra *Por que ler os clássicos* fala-nos da importância da leitura de textos cânones no momento certo de cada um, e que “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 1993, p. 10-11). A leitura de J.K. Rowling na adolescência não significa que o indivíduo não lerá Machado de Assis ou Clarice Lispector no futuro, muito pelo contrário, se alguém se apaixona pela história do bruxinho e a devora em um dia, com certeza a leitura prazerosa está intrínseca nesta pessoa. Se ela sentir vontade e se identificar com Macabéa, vai ler sim. Outra interpretação passível de se fazer, a partir do comentário de Ítalo Calvino citado acima, é que cada leitor terá sua lista de clássicos dependendo exclusivamente de sua história de leituras.

Posso dizer que Harry Potter é um clássico na vida de muitos de meus alunos; é calorosa a forma como eles contam trechos da obra, os olhos brilham. Nas redações, que não têm relação com os livros, eles quase sempre mencionam fatos da vida daqueles três amigos³. Isto porque se reconhece nitidamente valores de amizade e respeito na “realidade” daquelas personagens. Todo o imaginário de

de uma escola mágica, onde acontece de tudo. Como a escola que os nossos alunos frequentam. Perguntei a uma aluna apaixonada pela saga com qual personagem mais se identificava e por que, respondeu-me:

Hermione – ela não é princesa alguma. Ela é uma sabe-tudo que chegou dando nojo e ficava magoada quando falavam assim dela. Um dia o Harry e o Rony a salvaram de um trasgo montanhês e ela, mesmo toda certinha e sem nunca desobedecer o regulamento, disse à professora que ela é que tinha tentado matar o trasgo, pra livrar o Rony e o Harry. Ela colocaria a mão no fogo por eles. E se tem uma palavra pra defini-la, é brilhante. Ela também sofria por ser sangue-ruim: filha de trouxas, mesmo sendo bruxa. Não é coisa que se diga numa conversa civilizada. Só que ela era inteligentíssima. E não era exatamente bonita. Final das contas: mesmo tendo um cabelo cacheado imenso e sendo uma sangue-ruim, ela era a bruxa mais inteligente da classe deles e salvou o mundo bruxo. Ela é um exemplo para as meninas que passam mais tempo estudando do que passando gloss: dá pra sobreviver assim. Ela é a princesa que sem ser perfeita conquistou todo mundo, tipo a Fiona. Isso é importante, colocar na mídia um caminho contrário do que o das lavagens cerebrais. (L.B. 14 anos, aluna da 8ª série de escola privada, em 20 de novembro de 2011.)

Como não dar voz a este aluno e o deixar debater questões como estas? Como não permitir e trazer para dentro da sala de aula estes depoimentos e esta fruição sobre os bruxinhos? Impossível. Rendi-me completamente.

Sou partidária de que a formação do leitor, o despertar para o gosto pela literatura começa em casa, mas quando as crianças e jovens não tem essa vivência familiar, a tarefa é do professor de Língua e Literatura, e também do professor de Geografia, de História, de Filosofia, enfim, de todos. Primeiramente estes profissionais precisam ser apaixonados por seu objeto de estudo. Esta verdade precisa ser transmitida ao aluno. O professor na responsabilidade de formar leitores precisa ser leitor. Não aquele leitor “careta” e preconceituoso, mas aquele aberto ao literário, aquele que quando percebe beleza e poesia num texto, socializa com os outros, aquele que anda com os livros e entre os livros. Aquele que quando lê um texto com seus alunos se sente outro, encarna a personagem, se abre para ser outro. Por isso que um professor faz toda a diferença na vida de uma criança ou adolescente. Eu tinha um professor bem jovem na faculdade e ele sempre sentava conosco no barzinho. Um dia ele me contou com tanta euforia o conto *El túnel* do uruguaio Ernesto Sábato, que eu saí dali e fui correndo para a biblioteca. Eu li o livro “numa sentada” e achei ainda mais maravilhoso do que aquilo que Hugo havia falado, era uma história muito absurda, fantástica, daquelas que ficam dias “martelando” na cabeça. A culpa de *El túnel* ser um clássico na minha história de leituras, com certeza, é daquele meu professor maluco.

Não há como fugir da responsabilidade que, nós professores, temos urgentemente de repensar a forma que estamos trabalhando o texto literário em sala de aula. Faz-se necessário acolher as obras que os alunos estão lendo, e também ler com os alunos. O caminho não é teorizar a literatura e fazer provas depois, tampouco ditar uma obra porque ela é clássica e importante para o futuro do indivíduo como leitor. O caminho é mostrar para o aluno o quanto uma leitura é prazerosa, a leitura que eles próprios acordarem em fazer. O professor precisa ler junto, discutir igualmente com o alunado.

O que importa é a construção de argumentos sobre a leitura que evoquem o prazer de ler.

A leitura de nossa literatura clássica é importante sim, é arte, mas não é por ela que devemos começar. O professor precisa partir do clássico do aluno, fomentar aquele gosto e mostrar toda a sua sensibilidade no querer fazer aquela prática, no querer formar o aluno leitor. Para que provas de literatura?

É preciso aprofundarmos no porquê de obras como *Harry Potter*, *Crepúsculo* e *Percy Jackson* estarem fazendo tanto sucesso com os nossos alunos. É uma forma de conhecer aquele sujeito que está o ano inteiro, todas as manhãs e tardes junto conosco.

3. O PROFESSOR E SUAS PRÁTICAS LITERÁRIAS

“Tenho muito respeito, e, sobretudo, grande carinho pelo ofício de professor, e por isso me dói que eles também sejam vítimas de um sistema de ensino que os induz a dizer bobagens. Uma das pessoas inesquecíveis para mim é a professora que me ensinou a ler aos cinco anos. Era uma moça bela e sabia que não pretendia saber mais do que podia, além disso, era tão jovem que com o tempo acabou sendo menor que eu. Foi ela quem nos lia em aula os primeiros poemas que ficaram na minha memória para sempre. Lembro, com a mesma gratidão, do professor de literatura do ensino fundamental, Don Carlos Julio Calderón, um homem modesto e prudente que nos levava pelo labirinto dos bons livros sem interpretações mirabolantes. Este método nos permitia uma participação mais pessoal e livre pelos meandros da poesia. Em síntese: um curso de literatura não deveria ser mais que um bom guia de leituras. Qualquer outra pretensão não serve para nada além de assustar as crianças. Creio eu, aqui dos bastidores.” (MÁRQUEZ, 1998, p. 51).

Acredito que este pensamento de Gabriel García Márquez seja a memória de muitas pessoas. O sentimento do autor, exposto acima, resume o professor de leitura e literatura e suas práticas ao longo dos anos.

Não há como precisar se o “culpado” pela crise no ensino de leitura e literatura no país é o professor, ou se este também é vítima do sistema pedagógico distorcido em que nos encontramos.

Primeiramente temos um professor de Língua Portuguesa que pensa o ensino da língua pautado na “gramatiquice” e argumentando que somente o tradicional estudo da norma permite ao aluno falar e escrever bem. E esta característica também se reflete nas práticas de leitura propostas. O professor, partidário da norma, não se interessa pela história de leitura dos alunos, tampouco busca construir uma. O literário é imposto. E que literário é esse? Os Clássicos da Literatura Brasileira. E como este literário é trabalhado? Ele é trabalhado, também, de uma forma clássica. Trabalha-se o Clássico, que por si só não é fácil, a partir de uma regra. São as interpretações mirabolantes de que fala García Márquez. Também nesta abordagem o texto literário é usado como objeto de estudo das normas gramaticais. O professor aqui é um leitor erudito, um leitor fechado à presença, cada vez mais forte, da oralidade e do coloquialismo no processo de comunicação. E suas propostas de leitura, em lugar de formar leitores, os afastam da literatura.

Em segundo lugar, e creio que o problema mais grave, temos o professor não leitor. Onde está aquele mestre que chega na sala de aula carregando livros? Onde está aquele professor que declama um soneto para seus alunos de olhos fechados e com um sorriso nos lábios? O professor precisa ser verdadeiro e mostrar paixão por aquilo que faz. Ele precisa ser referência. São raros estes professores. E esta tarefa não é só do professor de língua, mas de todas as áreas. Neste ano, assisti com meus alunos a duas belas produções cinematográficas que trazem a figura deste professor: *Sociedade dos poetas mortos* e *O Sorriso de Monalisa*. Será utópico pretender que um professor seja como aqueles retratados nos filmes? Não.

Nunca é tarde para repensar-se. Durante este curso de Especialização tivemos professores maravilhosos. Mas, com certeza, ninguém esquecerá aquele professor provocador, polêmico. Aquele professor que chegava na sala de aula cheio de livros, que anotava em um livreto os comentários dos alunos. Ele sorria. Ele tinha uma inquietação: precisava socializar suas leituras. Ele forma leitores naturalmente, sem pretensões absurdas. Ele é um leitor.

O que quero dizer com professores não leitores é que o formador que está dentro da sala de aula hoje ensinando língua e literatura para crianças e jovens não lê. Não o faz porque não tem tempo, porque não tem uma história de leitura (remontando a sua constituição familiar e escolar) e/ou porque não gosta. E como se percebe isto? Nas suas práticas literárias de sala de aula, na forma como aborda a língua e a literatura, na sua metodologia para a construção de sujeitos leitores, no seu discurso repetido de práticas que se dizem eficazes. E que somente formarão alunos copiadores, sem singularidade.

A literatura deixou de ser educativa. Ela é um fardo tanto para os alunos como para os professores. Não se trabalha a leitura de uma forma dialógica na escola, há uma lista pré-determinada de textos literários a serem trabalhados entre os quais não há espaço para o gosto pessoal, não há espaço para a construção de uma identidade literária. E o professor que tem a tarefa de formar leitores hoje, não viveu, na sua própria formação, este mágico encontro com a linguagem poética.

As práticas com o texto literário limitam-se à leitura e posteriores provas, quando muito há uma discussão acerca da obra lida. Tomo como exemplo minha própria prática, pois no material que uso com minha 8ª série veio o conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector para ser trabalhado. Achei ótimo. Mas todas as sugestões didáticas a partir do texto eram teóricas e clássicas: “a epifania” em Clarice. Tive que estudar bastante para desenvolver o trabalho. As avaliações sugeridas pelo mesmo material eram formais tratando apenas das profundas questões existenciais da autora. Eu desisti de avaliar o trabalho com o conto em questão. Fizemos diferente. Todos leram o conto em suas casas e o lemos, também, juntos em sala de aula. Falei de Clarice, de sua vida e de sua obra (também porque eu mesma não sou uma entendida desta autora, li somente alguns contos e a novela *A hora da estrela*, mas a aprecio muito). Discutimos a cena retratada no conto e o comportamento das personagens. Todos deram suas opiniões fazendo analogias com algum parente e contando como são suas relações familiares. Chamou-me muita atenção a resposta dos alunos quando perguntei o que lhes parecia a disposição das cadeiras e mesa para a festa de D. Anita no conto, todos responderam que parecia um baile, uma reunião dançante.

Para mim, mais parecia um velório. Acontece que nesta minha turma de 15 alunos ninguém havia ido a um velório. O trabalho realmente “mexeu” com os jovens, pois eles falaram de suas vidas, de suas famílias. E comigo também, pois passei a pensar a organização da sala, no conto em questão, não só como um velório, também poderia ser uma festa antiga das famílias. Este é somente um exemplo. Por último mencionei as questões mais teóricas da obra e disse que podiam ler o que a apostila trazia, a tal epifania. Mas creio que o trabalho conduzido da maneira que fizemos suscitou conhecimento, ou autoconhecimento. A “epifania” seria apenas uma informação, uma palavra difícil que no outro dia eles esqueceriam e que, de qualquer forma, foi abordada sem metalinguagem.

Penso que nossos renomados escritores devem ser lidos sim, mas o professor precisa ler com seus alunos e não simplesmente se colocar na posição de avaliador a julgar interpretações. Devemos começar pelos contos, pelas poesias. E intercalar uma leitura mais elaborada com a leitura do aluno. Quando escuto meus alunos falar de Harry Potter, da Bella e do Edward e de qualquer outra personagem de suas leituras eu me emociono com o entusiasmo deles, com a forma como eles se colocam na pele daquelas personagens. Porque a literatura de ficção é fantasia e permite que os sonhos, a imaginação e o devaneio sejam elaborados. A fantasia dá forma aos problemas que estão alojados no coração do indivíduo. Através dela, o leitor percebe que sua angústia não é só sua. E, o porquê da identificação dos jovens com a literatura fantástica de entretenimento é justamente esse, a fantasia. A fantasia que dá forma compreensível às suas chagas por meio de ações e figuras, relações entre elas e saída para os problemas levantados. Assim a pessoa “tem condições de entender suas próprias dificuldades, refletir sobre elas, buscar um caminho para seus dramas pessoais ou sociais” (ZILBERMAN e SILVA, 2008, p. 56-57). Segundo Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Sila em sua obra *Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto*

O exercício da leitura do texto literário em sala de aula pode preencher esses objetivos, conferindo à literatura outro sentido educativo, talvez não o que responde a intenções de alguns grupos, mas o que auxilia o estudante a ter mais segurança relativamente às suas próprias experiências. (ZILBERMAN ; SILVA, 2008, p. 54)

Educar é levar avante, conduzir. É mostrar que mudanças são possíveis a partir de ações humanas. E a leitura de textos literários desempenha papel fundamental na transformação do mundo e encaminhamento de uma vida melhor para todos que dependem dela para conhecer o ambiente que os rodeia. A leitura é libertadora. O leitor procura na ficção elementos que expressem seu mundo interior. Por isso que “leituras significativas confundem-se com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida” (ZILBERMAN ; SILVA, 2008, p. 59).

A leitura permite que pensemos o pensamento de outro, implica aprendizagem. Dialogamos com o autor, posicionamo-nos. E a escola deve entender e conduzir o trabalho com a leitura literária como um diálogo com a alteridade, onde o aluno deve mostrar-se. Raras vezes a escola e todo seu aparato provocam boas lembranças de leitura. As atividades pedagógicas provocam tédio, pois são vivenciadas com aprisionamento, controle e obrigação. A leitura parece ficar do lado de fora, porque os professores não a incorporam ao universo do ensino. Para formar leitores, a escola - na figura do professor - precisa transformar

aquilo que vem de dentro, suscitado pelo literário, no que vai ser colocado para fora dentro da sala de aula. Em lugar de ensinar literatura precisamos aprender com ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de extrema importância que a escola repense suas ações de leitura. Os jovens estão entrando na vida adulta sem saber ler e sem gostar de ler. Como a população de nosso país é formada por uma maioria de indivíduos carentes, que não trazem de casa uma cultura da leitura, a tarefa de formar crianças e jovens leitores é conferida à escola.

Sabemos que ler não é exclusividade da aula de Língua Portuguesa e Literatura, e que é compromisso de todo professor fomentar o gosto pela leitura nos alunos. Mas cabe ao professor de língua e literatura abrir os caminhos para o literário. A leitura literária, a ficção e a linguagem poética permitem ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao outro. Um retorno às narrativas, um mergulho na fantasia e no mito que tanto colaboram para a compreensão de sentimentos e do mundo. E o prazer da e pela leitura é construído a partir do fantástico e da imaginação. Não é fácil ser leitor, a leitura não é fácil: requer entrega, concentração, abstração, humildade, requer um querer tão expressivo quanto um *poder*.

É claro que todos os educadores precisam entender a leitura como primordial na formação de cidadão, mas o professor que tem como objeto de estudo e ensino a língua - o professor de Português - este precisa ser um apaixonado, ser verdadeiro e ser leitor.

A maneira como se tem trabalhado o texto literário, ao longo de anos de escolarização da literatura e da leitura, não tem contribuído para que crianças e adolescentes gostem de ler, tampouco sejam leitores.

É chegada a hora da mudança, de termos um outro olhar para o trabalho com a literariedade, se quisermos formar um jovem crítico. Em lugar de provas e trabalhos vazios, precisamos avaliar (infelizmente existe a “nota”) o debate, a sensibilidade, a oralidade. Dar voz à criança e ao adolescente, aceitar os textos que eles estão lendo, buscando e se identificando. Aprender com o aluno e com a literatura, não somente ensinar e teorizar sobre algo tão subjetivo e polissêmico que é o texto literário.

Acredito que um bom professor, com práticas de ensino abertas ao novo, faça toda a diferença na vida de uma criança. Para formarmos leitores é preciso que olhemos para a história de leitura de cada aluno, que ajudemos a construí-la valorizando o literário infanto-juvenil que está despertando o prazer de ler e trazê-la para dentro da sala de aula.

Notas

1. Lê-se aqui Literatura de entretenimento aquelas obras de maior circulação e venda na atualidade, obras que não são consideradas Clássicos da Literatura Universal.
2. Trecho retirado de uma entrevista com a autora no site <http://www.uol.com.br/ruthrocha/home.htm>
3. Referindo-se aos três protagonistas da saga *Harry Potter*: Harry, Rony e Hermione.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje**. Palestra feita no I Salão do Livro - Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa da Secretarias de Cultura do Município e do Estado de Minas Gerais Belo Horizonte - 15 de Agosto de 2000. Mesa Redonda sobre Literatura Infantil. Publicada na Revista Releitura. Nº 15. Belo Horizonte. Biblioteca Infantil de Belo Horizonte. Abril de 2001.

_____ Artigo publicado em SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) **Caminhos para a formação o leitor**. São Paulo, DCL, 2004.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?**. Tradução Rejane Janowitz, Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BORDINI, Maria da Glória. A literatura infantil nos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. p. 33-45.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ECO, Humberto. **Sobre a literatura**. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infantojuvenil e educação**. Londrina: EDUEL, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MÁRQUEZ, Gabriel García. “La poesía al alcance de todos”. Em: **Antología de Lecturas amenas**. Darío Jaramillo Agudelo (org.). Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1998.

ROCHA, Ruth. Entrevista publicada em <http://www.uol.com.br/ruthrocha/home.htm>

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre: Global, 2008.